

## CARTOGRAFANDO UMA ONTOLOGIA FRACTAL: ENTRE A FILOSOFIA DA DIFERENÇA E A ESQUIZOANÁLISE

MIGUEL DELANOY POLIDORI<sup>1</sup>; JOSÉ RICARDO KREUTZ<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPel – Universidade Federal de Pelotas – [miguel.polidori@gmail.com](mailto:miguel.polidori@gmail.com)

<sup>2</sup>UFPel – Universidade Federal de Pelotas – [jrkreutz@gmail.com](mailto:jrkreutz@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso realizado por mim e orientado pelo Professor Dr. José Ricardo Kreutz, para conclusão do curso de Psicologia da UFPel. O principal intuito foi o de fazer uma revisão teórico conceitual acompanhando um trilho que começa na filosofia da diferença, passa pela geometria fractal e termina na psicologia social/esquitoanálise. Este trilho ganha força no terceiro semestre de minha graduação diante dos primeiros encontros com a filosofia da diferença nas disciplinas de psicologia social. Desde então, buscamos articular conceitos dessa filosofia com a geometria fractal. Em 2019, articulando o conceito de rizoma ao fractal (SIIPE 2019); em 2020, em que fazemos um esforço filosófico para entender o conceito de resiliência em sua dimensão de deformação (POLIDORI, STONE e KREUTZ, 2020); em 2021, transitando entre o conceito de ritornelo, de pensamento da diferença, e a geometria fractal (SIIPE 2021); e em 2022, aproximando o método da cartografia e a atenção do cartógrafo ao que chamamos de processos de fractalização (SIIPE 2022). Este percurso acadêmico permitiu adentrar com consistência filosófica e conceitual a etapa final da graduação, e instigar a utilização deste universo de saberes nos campos que a psicologia proporciona experienciar.

Como justificativa para o trabalho, Guattari nos dá uma pista importante de como trata a geometria fractal em seus últimos escritos ao dizer que “valeria a pena abordar a análise fractal além dos quadros da geometria e da física em que ela foi criada e aplicá-la à descrição de certos estados limites do psiquismo e do *socius*.” (GUATTARI, 2012, p. 259). As aparições de conceitos como fractal e fractalização aparecem com certa frequência na obra de Deleuze e Guattari a partir de Mil Platôs (DELEUZE e GUATTARI, 1980) – obra publicada alguns anos após a criação do neologismo *fractal* por Benoit Mandelbrot (MANDELBROT, 1967 1982). É Guattari quem irá dar uma atenção especial ao conceito em seus últimos trabalhos *Caosmose* e *Cartografias Esquitoanalíticas* (GUATTARI, 1992, 2012). Visto que há na geometria fractal características paradoxais e subversivas de uma geometria não-euclidiana que nos auxilia a apreender os movimentos do desejo, objetivo geral do trabalho foi, em síntese, o de investigar um conceito – o de fractal provindo da geometria fractal – desde sua aparição na matemática, passando pelas primeiras aparições e usos na filosofia da diferença até chegar em seu uso por Guattari na esquitoanálise.

### 2. METODOLOGIA

Para tal tarefa, apostei na experimentação conceitual através da criação de personagens conceituais, condensados na figura Palomar – personagem criado por Italo Calvino em seu livro *Palomar* (CALVINO, 1994). Cartografar um conceito envolve entendê-lo como um centro de vibração que movimenta a si e a outros, pedindo passagem e permitindo a apreensão de suas movimentações. Suas utilizações serão sempre singulares, dependendo de como se coloca frente a

cada problema também singular (DELEUZE e GUATTARI, 1991). Ao utilizar do método da cartografia, será possível transitar com maior potência na produção de subjetividade e de conhecimento que acontece entre o sujeito pesquisador e seu objeto de estudo, não mais entendendo-o como separado, como poderíamos fazer com uma metodologia clássica revisão de literatura, por exemplo.

Como podemos experimentar um conceito? Costa (2014) diz que com a cartografia vemos que as questões não simplesmente vêm das nossas cabeças, mas que questionamos na medida em que criamos encontros com aquilo que nos faz questionar. Se “Cartografar é estar, e não olhar de fora” (COSTA, 2014, p. 75), ao utilizar esta metodologia desejo estar e caminhar pelo universo da geometria fractal, da filosofia da diferença, da cartografia e da esquizoanálise.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa se iniciou com uma apresentação à geometria fractal, e logo adentrou na sua primeira aparição na filosofia da diferença e esquizoanálise de Deleuze e Guattari. Em seguida, para “acomodar” esta nova maneira de perceber o mundo – uma primeira leitura de uma ontologia fractal, ainda prioritariamente embasada na matemática – discuto sobre o pensamento da diferença (DELEUZE, 1968), e como esta discussão pode nos ajudar a repensar o ato de pensar, comumente tido como algo natural e bem estabelecido. “Como pensar sobre tudo isso?” foi a pergunta balizadora nesta etapa da cartografia. Fazendo esta articulação, é visto que há no pensamento da diferença e na geometria fractal propriedades conectáveis, em que uma ajuda a pensar a outra e, consequentemente, a pensar sobre a produção da vida em sua complexidade.

A cartografia enquanto um método das ciências humanas foi o terreno que ligou a ontologia fractal descrita até então à ontologia fractal utilizada nas cartografias esquizoanalíticas. Partindo de uma ontologia fractal para a apreensão de fenômenos como as ondas do mar, direcionei o trabalho rumo a uma ontologia fractal para a apreensão das produções de subjetividade e da circulação do desejo no campo social.

A cartografia nos mostrou cinco linhas, ou cinco pistas, de investigação que foram seguidas. Foram elas, em síntese: 1) Todo fenômeno na natureza, por mais imóvel ou rígido que pareça, possui pelo menos uma linha evidenciando um infinito interno, capaz de ser acompanhado – propriedade fractal encontrada na natureza. Este acompanhamento, percebendo as pequenas ou grandes diferenças através da repetição própria de cada objeto fractal, é o que acabamos nomeando como. Para acompanhar estas linhas, é preciso manter-se sempre em uma fronteira, uma borda de um processo de fractalização, pois o próprio processo se desdobra na fronteira e a reinventa e a redistribui ao passo que se desenrola. 2) Para pensar sobre os processos de fractalização, foi feita uma aliança ao pensamento da diferença de Deleuze, já que as propriedades não-euclidianas da geometria fractal parecem servir para potencializar o pensamento na perspectiva da diferença. Os objetos fractais são imagens que desafiam a imagem do pensamento, com seus paradoxos de linhas infinitas e superfícies que tendem a zero; superfícies infinitas e volumes que tendem a zero; dimensões não-inteiras; tudo isso sem perder consistência e possibilitando a percepção de outros sentidos, muitas vezes paradoxais, sobre os fenômenos. Assim, se perdem os contornos bem definidos entre sujeito/objeto, individual/coletivo, dentro/fora, para dar espaço à lógica da diferença, como, por exemplo, dos espaços lisos e estriados.

As linhas 3, 4 e 5 já nos dizem do próprio método da cartografia, da ontologia fractal conforme a esquizoanálise, e da utilização dessa cartografia, especialmente com o conceito de afeto, nas cartografias esquizoanalíticas. A linha 3 nos mostrou que a cartografia, sendo um método que acompanha a transformação de territórios e a produção de subjetividade, pode se beneficiar de tal maneira de ver o mundo, de tal complexidade ontológica. Na cartografia, a investigação da realidade é feita através de um acompanhamento de percursos e implicação nos processos de produção de subjetividade, sempre situados em um espaço e um tempo. Tal acompanhamento de percursos pode ser pensado como um acompanhamento de simultâneos processos de fractalização que, quando se conectam, deixam de ser puramente direcionais e passam a criar dimensões, configurando o que entendemos por territórios existenciais. Este processo de transformação dos territórios (des/re/territorialização) é entendido na filosofia da diferença como ritornelo (DELEUZE e GUATTARI, 1980b). 4) Guattari (2012) dará um passo além com a utilização da geometria fractal na cartografia, nas cartografias esquizoanalíticas. Aqui, a ontologia fractal passa a ser utilizada por ele diretamente como ferramenta conceitual para a apreensão dos processos de produção de subjetividade. A cartografia esquizoanalítica seria, dessa forma, uma pragmática e experimentação conceitual no real da filosofia da diferença. Uma das tarefas de uma cartografia esquizoanalítica seria a de discernibilizar e intensificar os componentes de subjetivação (humanos e não-humanos, linguísticos, geológicos, orgânicos, semióticos, econômicos, culturais, históricos, etc.) presentes nos territórios, que compõem ritornelos. Acontece que, por estes componentes não serem “unidades”, e sim multiplicidades fractais, eles se repetem em várias escalas intra e transterritorialmente. As especificidades de tal funcionamentos são aprofundadas no Trabalho de Conclusão de Curso.

Por fim, o conceito de *afeto* é retirado de sua posição passiva tradicional nas disciplinas psi. Ele “não é modo algum o correlato passivo da enunciação, mas seu motor” (GUATTARI, 2019, p. 385), e assim o faz grudando “tanto na subjetividade de seu enunciador quanto ao de seu destinatário e, ao fazê-lo, desqualifica a dicotomia enunciativa: locutor-auditor.” (GUATTARI, 2019, p. 383). Ou seja, Guattari quer retirar do afeto qualquer concepção instintual, transcendental, até mesmo pulsional (reservada ao inconsciente psicanalítico), e posicioná-lo na ontologia fractal. Afeto surge como a matéria desterritorializada ativa, capaz de ser trabalhada em uma análise, o combustível para transitar entre os territórios. Com isso, Guattari nos mostra que podemos aguçar processos de fractalização que intensifiquem a heterogênese dos territórios existenciais. Há dois modos de fractalização utilizados por Guattari: um que auxilia a pensar sobre como o território se fractaliza intrinsecamente, gerando uma auto-consistência, e outra que auxilia a pensar como o território se conecta e agencia com outros territórios, formando passagens transversais que conferem temporalidades singulares à cada composição, gerando ritornelos sempre situacionais, mas que sempre arrastam consigo uma história e memória territorial. Novamente, se trata de entender que os dois modos de fractalização eles próprios se fractalizam, um à espreita do outro, nas fronteiras ontológicas fractais dos infinitos componentes.

#### 4. CONCLUSÕES

Nossa cartografia começou na filosofia da diferença e na matemática da geometria fractal, apreendendo os pontos iniciais de articulação entre a primeira aparição do fractal em Deleuze e Guattari, nos espaços lisos e estriados, e como

isso podia ser pensado através de uma primeira leitura de uma ontologia fractal. O caminho, a partir daí, foi de construir uma bagagem teórico-conceitual para a compreensão da ontologia fractal utilizada por Guattari em suas cartografias esquizoanalíticas: uma teoria que pragmatiza os conceitos da filosofia da diferença em uma análise sobre os movimentos desejantes e modos de subjetivação no campo social e no real.

Quando Guattari é questionado sobre seu intenso uso de neologismos, abstrações e variedade de vocábulos emprestados de outras disciplinas, ele responde que forjou sua própria linguagem para enfrentar certas questões, criando palavras-valise, palavras-ferramentas capazes de abrir problemáticas e articulá-las em diversos campos (GUATTARI, 2022). Acreditamos que este trabalho foi no mesmo caminho. Ao se investigar a aparição da geometria fractal na obra de Deleuze e Guattari, pretendemos indicar onde estão tais aparições, e como as articulações conceituais foram feitas em cada situação. Com os personagens conceituais, experimentamos os conceitos e não somente racionalizamos ou sistematizamos.

Por fim, o debate sobre o afeto mostrou que se a ontologia fractal nos provê um metamodelo com ferramentas para apreender os movimentos da natureza, o afeto é o combustível com o qual podemos trabalhar efetivamente numa práxis: seja ela clínica, sob a égide dos campos psi, ou de qualquer outra disciplina que possa reconhecer o vulcão ético-estético-político que há na fronteira entre pensar no mundo/agir no mundo.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, vol. 4**. São Paulo: Editora34, 1980a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, vol. 5**. São Paulo: Editora34, 1980b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1991.
- CALVINO, Italo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista digital do LAV**. Santa Maria, UFSM. Vol. 7, n. 2 (maio./ago. 2014), p. 65-76, 2014.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34. 1992.
- GUATTARI, Félix. **Ritornelos e Afetos Existenciais**. Tradução: Cristina Thorstenberg Ribas. GIS-Gesto, Imagem e Som-Revista de Antropologia, v. 4, n. 1, p. 383-397, 2019.
- GUATTARI, Félix. **Schizoanalytic Cartographies**. A&C Black, 2012.
- MANDELBROT, Benoit. How Long Is the Coast of Britain? Statistical Self-Similarity and Fractional Dimension. *Science*, v. 156, n. 3775, p. 636-638, 1967.
- MANDELBROT, Benoit. The fractal geometry of nature. New York: Freeman, 1982.
- POLIDORI, Miguel Delanoy; STONE, Anne; KREUTZ, José Ricardo. Resiliência como deformação: um conceito filosófico? Arquitetura, psicologia e máquinas desejantes. **Projectare: Revista de Arquitetura e Urbanismo**, v. 1, n. 10, 2020.